

VÁRIA CRÍTICA

GÉNIOS, PARCAS E ASTEROIDES: OS TRÊS DESEJOS DE OCTÁVIO C.¹

Marinela Freitas (UP)²

Se queres a sageza, cultiva a crise.
Pedro Eiras

Apontamento 1: Dos Génios

Porque Ele disse e tudo foi feito; Ele ordenou e tudo foi criado: assim reza a inscrição latina, retirada do Livro dos Salmos (33.9), que figura no verso dos volantes do tríptico *O Jardim das Delícias Terrenas*, de Hieronymus Bosch³. Fechado, o tríptico apresenta uma esfera translúcida envolvendo a terra, o céu e o mar, como que aludindo ao terceiro dia da Criação, segundo a narrativa genésíaca. Aberto, apresenta enigmáticas figurações do Éden, do Inferno e da vida terrena nos três painéis que o compõem, oferecendo a história do Mundo após a Criação (e introdução) do elemento humano, dando conta igualmente da violência da sua Queda.

Para a capa da edição portuguesa de *Os Três Desejos de Octávio C.*, publicada na Relógio D'Água, em 2008, Pedro Eiras escolheu um pormenor do painel central do tríptico, que dá o nome à obra de Bosch: "O Jardim das Delícias Terrenas". Nesse detalhe, um casal enlaça-se no interior de uma esfera transparente – estranha placenta ligada por cordão umbilical a um peixe-flor-balão – por sobre o qual a própria esfera flutua. Explorando um *topos* frequente da linguagem iconográfica e literária medieval, o Mundo ao revés, o painel funciona, em certa medida, como espelho da insensatez ou loucura humanas, acentuando a fragilidade e efemeridade da alegria e do prazer, no falso paraíso terrestre, palco apoteótico e cruel da ruína e da condenação. O mesmo com *Os Três Desejos de Octávio C.*, onde o desconcerto ou o descompasso se perspetivam por entre o sonho e o pesadelo, a utopia e a distopia, o princípio e o fim do mundo.

A segunda incursão de Pedro Eiras pela ficção longa é uma variação moderna das narrativas tradicionais que envolvem lâmpadas, anéis ou garrafas mágicas, habitadas por génios ou seres mais ou menos demoníacos que concedem todos os desejos aos seus donos. Como explica o autor:

Nos Três Desejos, eu queria explorar o mito de Aladino – (...) mas um Aladino, digamos, altruísta. Por um lado, a onipotência, a embriaguez de um poder absoluto (coisa de contos de fadas, mas cheia de *hybris*). Por outro, a humildade: prescindir dos efeitos desse poder, usar os três desejos em favor dos outros. Para dizer tudo muito à pressa: é uma situação monstruosa.⁴

O ponto de partida é, portanto, Aladino, a personagem de um dos contos populares inseridos na coletânea *As Mil e Uma Noites*,⁵ embora este tipo de narrativa sobre pessoas comuns que ficam na posse de objetos mágicos e, através deles, obtêm poder, riqueza e felicidade possa ser encontrado em outros textos afins, fazendo já parte dos imaginários oriental e ocidental. Por outro lado, *Os Três Desejos* também dialogam explicitamente com o conto do escritor escocês Robert Louis Stevenson, “O Diabrete da Garrafa” [“The Bottle Imp”] (1893), que, aliás, serve de epígrafe ao livro. Neste caso, o exemplo de Stevenson convoca enredos mais faustianos, em que se explora o tópicus da venda da alma ao Diabo e as inevitáveis consequências desse pacto maldito. De novo, Paraíso e Inferno. Bem e Mal. Criação e Destruição.

Talvez na base de *Os Três Desejos de Octávio C.* esteja precisamente essa tensão entre dois pólos ou movimentos contrários, que logo se desdobram, complexificam, extremam. “Desejo e fúria”, dirá o autor:

Mais depressa eu diria: desejo e fúria. Isso, sim, foram as minhas palavras, neste livro, noutros livros; às vezes com humor, às vezes com muita urgência de dizer.

(...)

[O] Octávio não tem só desejos. Também tem fúria. (...) Ora, a fúria é destrutiva, cega, a fúria

pode ser odiosa. Mas ela existe em nós, e não podemos nem devemos evitá-la por completo. Além disso, ela pode traduzir-se num sentimento que me interessa muito, uma certa impaciência magnífica, a incapacidade de aceitar que as coisas sejam assim.

Essa “incapacidade de aceitar que as coisas sejam assim” levará Octávio C., o protagonista do romance, a querer mudar o mundo, procurando impedir a sua queda embora, com isso, acelere todo o seu processo.

Mas quem é este Aladino moderno? Octávio é um jovem notário (funcionário da máquina burocrática governamental) que um dia recebe, como herança do seu avó americano – um militar morto na guerra do Iraque – uma lâmpada mágica comprada em Baghdah. Esta lâmpada contém um gênio que concede a Octávio três desejos, que, por sua vez, só poderão ser pedidos com vinte e quatro horas de intervalo. Mas a realização destes desejos trará consequências impensáveis – melhor, impensadas por Octávio – tanto para a vida do protagonista, como para a própria Humanidade. Isto porque o raio de ação deste gênio de *curriculum* milenar (servo de Átila, o Huno, Tomás de Torquemada ou Adolf Hitler) é condicionado pelas leis de um universo sistêmico, que tende para o equilíbrio, de modo que, de cada vez que há uma interferência no universo, todas as causas e todas as consequências se deslocam, numa espécie de fenômeno de compensação, de reposição da ordem.

Apontamento 2: Das Parcas

Octávio C., que nunca foi uma criança corajosa, que nunca descobriu no seu currículo escolar qualquer talento, que tem imensa dificuldade em exercer a sua autoridade e que pede até licença para interpelar o leitor (“Com licença”, assim começa o livro), dirige a secção dos Divórcios, numa Conservatória não inocentemente situada na Rua das Parcas, as três deusas do Destino que, na mitologia romana, vão fiando e interrompendo o fio da vida humana a seu bel-prazer – sendo que uma preside ao nascimento, outra ao casamento e outra à morte. Ora as

secções dos Nascimentos, dos Casamentos e dos Óbitos são precisamente as áreas onde trabalham as outras personagens do livro, isto é, os colegas de Octávio na Conservatória: são eles, Carola e Cruz, os dois auxiliares indisciplinados de Octávio que, ao jeito de Nippers e Turkey, os dois colegas de Bartleby, o famoso escrivão do conto homónimo de Herman Melville, nada fazem mas muito reclamam; Maria Luís, que é a responsável pela secção dos Casamentos (adorando aterrorizar jovens casais) e a verdadeira líder da Conservatória, sendo temida por todos, inclusive por Octávio, por quem Maria Luís está – não muito secretamente – apaixonada; Anabela, da secção dos Nascimentos, que, ao contrário de Maria Luís, é uma criatura frágil, tímida, constantemente achacada por dores de cabeça, irritações nos olhos e constipações, que Octávio acha enternecedoras, já que nutre por Anabela uma paixão secreta, completando-se assim o clássico triângulo amoroso; e, finalmente, o Sr. Honório, o mais antigo funcionário da Conservatória, responsável pela secção dos Óbitos, a funcionar na parte mais antiga do edifício, e que tem por hábito ler jornais com mais de dez anos para perceber o presente. Nesta pequena Conservatória – o microcosmos de Octávio – a vida decorre numa cíclica monotonia, como nos dá conta o jovem notário a dado momento:

[Agosto] é um mês de pouco trabalho na conservatória, especialmente na minha área, os Divórcios. Não sei porquê, as pessoas divorciam-se menos. A partir de Setembro e Outubro, sobretudo quando desata a chover, começam a aparecer ao balcão, ainda bronzeadas, mas já com olheiras. Durante a época de grandes aguaceiros, fazem fila para serem atendidas. (...) Depois, por Abril e Maio, o tempo começa a melhorar; os casais escasseiam no meu balcão e dirigem-se para o da Anabela, para registar as crianças, ou o da Maria Luís, para casarem no Verão, a 15 de Agosto. Tudo funciona como um relógio certíssimo. (p. 34)⁶

A influência da meteorologia nos ciclos emocionais dos utentes e funcionários da Conservatória será bruscamente interrompida quando Octávio recebe a visita do génio da

candeia, enviada pelo seu avô. Este encontro entre Octávio e o génio, que surge apenas em sonhos, numa espécie de projecção freudiana dos desejos inconscientes, traz um problema e um dilema a Octávio: o problema é perceber o alcance exacto das afirmações do génio, já que este tem um terrível defeito – o de ser absolutamente literal.

- (...) Eu digo sempre o que quero dizer e quero dizer sempre o que digo. [explica o génio a Octávio] Nós, os génios, não conseguimos dominar a ironia e essas figuras do discurso, da vossa linguagem. Quem nos dera! Mas não, somos terrivelmente, terrivelmente literais.

- Quando falas, não é o que parece.

- Então talvez o não-parecer seja a literalidade do meu discurso. (p.70)

Incapaz de confiar no génio – ou na literalidade da linguagem – Octávio dificilmente seguirá os seus conselhos. O que nos leva ao dilema. O dilema é saber *o que* desejar: não o que Octávio *quer* desejar, note-se, mas o que pensa que *deve* desejar – enquanto ser imperfeito cujo dever moral é procurar a sua redenção, mesmo que para isso se tenha de auto-flagelar. Octávio deseja intensamente Anabela, mas recusa-se a pedir ao génio o seu amor: primeiro, porque lhe parece imoral retirar o livre-arbítrio a Anabela, obrigando-a a apaixonar-se por ele por magia; depois, porque aceder a desejos pessoais – como amor e riqueza – é o que todos fazem, mas não ele, Octávio, que resistirá à tentação e formulará antes desejos em prol da Humanidade. Convencido de que a sua renúncia a Anabela é uma prova do seu amor e que a abdicação de “regalias pessoais” será “uma enorme prova de inteligência e bondade”, Octávio redige, a custo, uma lista com três desejos. Na sua fúria de mudar o mundo, é tomado por um súbito altruísmo, talvez inspirado, poderíamos arriscar dizer, pelo peso simbólico do seu nome – ele, Octávio C., que bem poderia ser descendente de Octávio César Augusto, e utilizar o seu poder absoluto para instituir uma espécie de *pax romana* (cf. p. 26).

Como seria de esperar de um funcionário das Parcas não previsto na mitologia e ainda por cima responsável pela secção

dos Divórcios, o primeiro desejo de Octávio tem um efeito desastroso e, ao mesmo tempo, totalmente ineficaz, para grande confusão do nosso protagonista:

- (...) Não te podes queixar, tudo o que pensaste foi satisfeito.
- Mas há consequências imprevisíveis.
- Com certeza, Octávio, há sempre consequências imprevisíveis. Se não queres consequências, não hajas. E olha que mesmo assim haverá consequências imprevisíveis. (p. 73)

Octávio havia desejado que todas as armas fossem erradicadas do mundo. Mas “armas” e “violência” são duas palavras diferentes e o génio é terrivelmente literal. Depois de um período momentâneo de desorientação, logo os humanos encontram novos meios de exercer a violência: livros, pilhas, bocados de madeira, sacos de plástico cheios de terra, fios eléctricos, candeeiros e televisões, catapultas rudimentares e outros propulsores artesanais são usados agora como armas; detergentes, pesticidas e medicamentos são lançados nos cursos de água; manadas de touros invadem as cidades... e as estratégias de guerra continuam a improvisar-se. Umas mais originais, outras, quase todas, há muito conhecidas na literatura e na história da Humanidade. Como diria George Bernard Shaw, o famoso dramaturgo irlandês, “Hegel tinha razão quando dizia que o que aprendemos com a história é que não aprendemos nada com a história”.⁷

Octávio não consegue prever as consequências das suas ações porque não percebe a Humanidade; e não percebe a Humanidade porque não conhece a sua história ou, se a conhece, nada aprendeu com ela. E quando não aprendemos nada com o passado, estamos condenados a repetir os mesmos erros vezes sem conta. Razão tinha, pois, o Sr. Honório em ler jornais com mais de dez anos para perceber o presente e em se manter actualizado relendo os escritores da Antiguidade Clássica: Heródoto, Plutarco, Suetónio, Salústio, Pausânias. Por isso mesmo, é o Sr. Honório, e não os vários especialistas – desde académicos a videntes – chamados à televisão para opinar sobre a questão, quem explica a Octávio o que realmente está a acontecer:

- A História, meu caro Octávio, é feita de diferença e repetição. Nada é absolutamente idêntico e nada é absolutamente diferente. (...) A História é repetição, sim, é previsibilidade, mas também diferença. Por isso eu tenho esperança, percebe, Octávio?
- Mais ou menos. (p. 102)

Octávio não percebe muito bem, porque vive sem memória: não lê e, como tal, não prevê a repetição de um mesmo fenómeno. Porque o que ontem havia acontecido – explica-lhe o Sr. Honório – já o havia feito Ulisses, quando Polifemo o prendeu e lhe tirou as armas: “Ulisses pegou numa estaca de madeira, aguçou-a e serviu-se dela para cegar o inimigo” (p. 102). O que ontem havia acontecido já o sabia Homero desde o século VIII a.C. (p. 101). E esta incapacidade de recordar o passado – de cuidar da memória – tem inevitavelmente implicações maiores na projecção de imagens futuras. De facto, há muito que as neurociências mostraram que os pacientes que sofrem de amnésia (não só nos casos de ausência de memórias passadas, mas naqueles em que as novas memórias não duram mais do que alguns minutos) revelam dificuldade em imaginar o seu futuro, porque a sua antecipação passa necessariamente pela reconstrução de imagens passadas que geram uma simulação dos eventos a ter lugar. Incapacitado pela sua amnésia histórica e cultural, Octávio C. dificilmente conseguirá traçar mais do que tangentes à felicidade universal, contribuindo, pelo contrário, para a sua impossibilidade. O bem-intencionado, mas mal fundamentado, impulso utópico do jovem notário depressa se transformará numa distopia irreversível. Como explica Pedro Eiras:

O Octávio do livro vive um altruísmo por artifício. Quem lhe explica muito bem isso é o génio, quando diz ao Octávio que ele deseja sempre por retiradas: que desapareça isto, que desapareça aquilo. Como se pode desejar pela negativa? Freud afirma que o inconsciente não conhece a negação. Eu tentei inventar uma personagem que

incluísse a negativa – a distopia, se quiseres – no seu inconsciente. Por outras palavras: inventar um homem que criasse uma utopia negativa.

Apontamento 3: Dos Asteroides

Para todos os desejos de Octávio C., o universo, no seu equilíbrio sistémico perfeito, encontra uma forma imprevista de compensação. Ou nem tão imprevista assim, se nos lembrarmos de Lavoisier e da Primeira Lei da Termodinâmica: “Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Justamente. Um novo asteroide é descoberto no céu por um observatório de Melbourne, na Austrália, logo após a formulação do primeiro desejo. Este astro anómalo e instável, chamado XB-43, e composto por ferro, cobre, urânio e água pesada, é nada mais nada menos do que um asteroide esférico, formado por todas as armas que desapareceram do planeta, aglomeradas, radioativas, com órbita incerta.⁸ À medida que Octávio vai formulando os desejos seguintes, o risco de colisão do XB-43 com o planeta Terra, por um lado, e a incapacidade dos seres humanos de reagirem a este perigo eminente, por outro, vão aumentando exponencialmente. Colidirá?

Deixemos a resposta para o(a) leitor(a) e voltemos ao início do livro, onde interessantes pistas de leitura são deixadas pelo autor nos vários títulos alternativos contidos na página de rosto – pequenos asteroides de sentido, orbitando em torno do título principal:

Fábula
Ou
As Tentações no Deserto
Ou
Os últimos dias
Ou
Divertimento
Ou
Os Três Desejos
de Octávio C.
Ou
Tratado da Ingenuidade

Ou
A Evolução da Fauna do Chile
Ou
Apesar de Todas as Minhas Crenças e Esperanças,
um Dia Acordei Nilista e Escrevi a Seguinte História

Recuperando o quadro de Bosch, talvez possamos chamar uma Fábula a *Os Três Desejos de Octávio C.*, na medida em que o livro pode, de certa forma, ser considerado uma alegoria da insensatez humana (de que a fábula seria um exemplo genérico de aplicação), embora neste caso a moralidade final resulte não do estabelecimento de uma relação entre o sentido literal e o sentido figurado, mas precisamente da identificação da sua diferença. O segundo título, *As tentações no deserto*, remete-nos para o universo bíblico e para os quarenta dias passados no deserto por Cristo, resistindo à permanente oferta de regalias pessoais por parte do Diabo em nome de um bem maior – o reino de Deus. No entanto, nesta história de gênios, parcas e asteroides, a salvação de Octávio estaria justamente na cedência, e não na renúncia, à tentação: “Devias ter desejado a Anabela, Octávio! Tu é que não quiseste ouvir! Se a tivesses desejado, agora *tu* estavas feliz, ela estava feliz, sempre fazia algum bem ao mundo” (p. 164).

De volta a *O Jardim das Delícias*, poderíamos dizer, portanto, que a narrativa construída por Pedro Eiras se aproxima menos dos três primeiros dias da Criação, convocados pelos volantes exteriores do tríptico de Bosch, do que d’ *Os [três] Últimos Dias* da destruição, como sugere o terceiro título. O livro joga, portanto, com o imaginário do fim dos tempos, repleto de visões apocalípticas que encerram sempre uma revelação. Por isso, o último livro da Bíblia – o Livro do Apocalipse de João – se intitula, na tradução inglesa, “The Book of Revelations” (o Livro das Revelações), tal como bem lembra o Sr. Honório (p. 139). E, neste sentido, a história de Octávio C. apresenta interessantes revelações *sobre e no limiar* do fim do mundo, ainda que o tom nunca chegue a ser sombrio, recorrendo-se com frequência ao humor e à ironia, como se de um *Divertimento* se tratasse,

quer enquanto exercício lúdico ficcional, quer como forma de composição musical.

Como título alternativo, *A Evolução da Fauna no Chile* não seria totalmente desapropriado, sobretudo se pensarmos no modo como as recentes leituras revisionistas da obra de Charles Darwin poderiam contribuir para a exegese do texto. Por exemplo, como mostrou já Elizabeth Grosz, para Darwin a evolução das espécies não se faz a partir da sobrevivência do mais forte, mas sim do *mais capaz* de se adaptar à mudança.⁹ Algo muito difícil para Octávio C., cuja vida decorre na mais mecânica monotonia, perfeitamente adaptado ao microcosmos anódino em que vive, mas totalmente desajustado às exigências de um mundo exterior pelo qual pouco se interessa, ele que presenciou o 25 de Abril e a queda do muro de Berlim, mas que mantém o hábito de começar a ler o jornal sempre pela última página, a da banda desenhada – a de que mais gosta. Aliás, o título *Tratado da Ingenuidade* sugere já de alguma forma um outro traço característico de Octávio relacionado com a sua desatenção ao que o rodeia – a sua inocência relativamente ao mundo, à natureza humana e à própria linguagem. Digamos que Octávio é o resultado de duas Quedas míticas: a queda de Adão no mundo, expulso do paraíso do Éden (sem acesso ao conhecimento), e a queda do mundo na linguagem, com todos os seus limites e perversidades (que o ser humano nem sempre domina ou entende).

Se Apesar de Todas as [Suas] Crenças e Esperanças, [o autor] um Dia Acord[ou] Niilista e Escrev[eu] a Seguinte História, talvez o ideal seja ler o livro adotando a mesma perspetiva niilista do autor, no sentido em que isso signifique colocar tudo radicalmente em discussão. Porque a melhor definição para *Os Três Desejos* talvez seja a de um livro sagaz, escrito por um autor que cultiva uma “saudável dúvida metódica” em busca de uma sabedoria maior. Num livro publicado em 2010, *Substâncias Perigosas*, e que tem por subtítulo “cem lições em que se explica porque meios os livros matam os seus leitores”, Pedro Eiras reflete precisamente sobre a noção de sageza, convocando o exemplo de Séneca:

Séneca não hesita em enfrentar problemas. Para alcançar a sabedoria, talvez até deva criar problemas, analisando toda e qualquer questão,

grande ou pequena. Para resolver a vida, é preciso complicá-la.

Se queres a sagesa, cultiva a crise.

Julgo que a grande novidade deste livro, para além da sua enorme riqueza literária e cultural, reside justamente no modo como o autor, ao revisitar a ideia de um génio da lâmpada capaz de satisfazer todos os desejos do seu amo, opta por cultivar a crise, criando problemas (a partir da sua própria resolução) e complicando a história – e com ela a vida –, levando-a ao limite da possibilidade. Sem a resolver, claro, mas deixando-nos mais perto de vislumbrar, na iminência do fim do mundo, a desejada sabedoria.

RESUMO

Neste artigo tratamos de *Os Três Desejos de Octávio C.*, 2008, do autor português Pedro Eiras. A partir da conhecida história sobre o génio da lâmpada que concede três desejos a quem esfrega o artefato, analisamos a obra observando os significados de “génios, parcas e asteroides” e ao revelar um protagonista a querer mudar o mundo, procurando impedir a sua queda embora, com isso, acelere todo o seu processo. Ao revisitar a ideia de um génio da lâmpada capaz de satisfazer todos os desejos do seu amo, o autor opta por apresentar um Aladino moderno e cultiva a crise ao criar problemas sem solução.

Palavras-chave: Desejos, Aladino, Crise

ABSTRACT

In this article we deal with *Os Três Desejos de Octávio C.*, 2008, by the Portuguese author Pedro Eiras. From the well-known story about the genius who grants three wishes to whoever rubs the artifact, we analyze the novel observing the meanings of "genies, fates and asteroids" revealing a protagonist who wants to change the world, seeking to prevent its falling though thereby accelerating the whole process. By revisiting the idea of a genie

lamp able to satisfy all his master's desires, the author chooses to present a modern Aladdin and cultivates the crisis by creating unsolvable problems.

Keywords: Wishes, Aladdin, Crisis

NOTAS

.....

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada no evento "Letras na Avenida", no âmbito da Feira do Livro do Porto, numa sessão dedicada aos livros de Pedro Eiras, em Julho de 2012.

² Professora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa / Univ. Porto.

³ A inscrição é a seguinte : "Ipse dixit et facta sūt; Ipse mādauit et creata sūt". Ver *A Criação do Mundo, Versos dos volantes do tríptico O Jardim das Delícias* (ca. 1500), Grisolha em madeira, 220x195cm, Madrid, Museo del Prado.

⁴ Pedro Eiras, "Octávio C. entrevista Pedro Eiras", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos Sobre a Utopia*, n.º 12 (2011). Biblioteca Digital. Web. <<http://ler.letras.up.pt>>

⁵ A história de "Aladino e a Lâmpada Maravilhosa" não faz, porém, parte da versão original d'As Mil e Uma Noites, tendo sido acrescentada à coletânea árabe pelo orientalista francês Antoine Galland, que, no séc. XVIII, publicou a primeira tradução em língua europeia destes contos do Médio Oriente e do Sul da Ásia (*The Greenwood Encyclopedia of Folktales and Fairy Tales*. Vol. 1. Ed. Donald Haase. Westport: Greenwood Press, 2008. pp. 22-23).

⁶ Todas as citações são retiradas da edição portuguesa (*Os Três Desejos de Octávio C.* Lisboa: Relógio D'Água, 2008) e serão identificadas no corpo do texto pelo número da página correspondente.

⁷ "Alas! Hegel was right when he said that we learn from history that men never learn anything from history". George Bernard Shaw, *Heartbreak House and Horseback Hall* (1909), in *Pygmalion and Three Other Plays*.

Intro. and Notes by John A. Bertolini. New York: Barnes & Noble, 2004. p. 516.

⁸ O nome do asteroide relembra o caso do protótipo XB-43 Jetmaster, um bombardeiro desenvolvido pela Força Aérea Norte-Americana na década de 1940 e que não chegou a ser produzido por apresentar problemas de instabilidade.

⁹ Elizabeth Grosz, *Time Travels: Feminism, Nature, Power*. Durham and London: Duke University Press, 2005. p. 21.